

Desafios e expectativas da prática da história na Era Digital: percepções de docentes de história nas instituições de ensino superior na Bahia.

Eric Brasil¹

Priscila Valverde²

Ana Carolina Veloso³

Resumo: O artigo investiga as percepções de docentes de História de Instituições de Ensino Superior da Bahia sobre repositórios de fontes digitais, focando na consciência de seus impactos na prática da História. Utilizou-se um questionário para avaliar os métodos empregados, a confiança nos resultados obtidos, e o estado atual da formação docente em ferramentas digitais. A análise qualitativa das respostas revelou uma consciência crítica frente ao uso destes repositórios, uma reflexão metodológica incipiente, mas insuficiente, e uma demanda por formação específica, evidenciando a necessidade de reformulação teórica e metodológica na área.

Palavras-chave: Repositórios de fontes digitais; História Digital; Metodologia da História.

¹ Doutor em História, professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), profericbrasil@unilab.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-5067-8475>

² Graduada em História e bacharel em Humanidades. E-mail: priscila.valverde2010@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7216-0797>

³ Graduada em História e bacharel em Humanidades. E-mail: anavelosounilab@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0003-8183-5471>

Desafios e expectativas da prática da história na Era Digital: percepções de docentes de história nas instituições de ensino superior na Bahia.

BRASIL, E.

VALVERDE, P.

VELOSO, A.

Challenges and expectations of practicing history in the Digital Age: perceptions of history professors at higher education institutions in Bahia

Abstract: The article explores the perceptions of history teachers in higher education institutions in Bahia on digital source repositories, focusing on their awareness of the impacts on historical practice. A questionnaire was used to evaluate the employed methods, confidence in the results obtained, and the current state of teacher training in digital tools. Qualitative analysis of the responses revealed a critical awareness regarding the use of these repositories, an emerging but insufficient methodological reflection, and a demand for specific training, highlighting the need for theoretical and methodological reformulation in the field.

Keywords: Digital Source Repositories; Digital History; History Methodology.

Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada entre os anos de 2021 e 2022, anos marcados pela pandemia de Covid-19, que impactou profundamente todos os campos da sociedade, nossos corpos e mentes. Por conseguinte, a pesquisa foi realizada com a mediação de ferramentas digitais em todas as suas etapas. Os próprios desafios impostos por esse caráter digital ajudaram na elaboração dos objetivos, problemas e nas análises apresentadas aqui. O estudo tem como objetivo central analisar as percepções de docentes de cursos de História de Instituições de Ensino Superior públicas (doravante IES) no estado da Bahia sobre os desafios e limitações do uso de repositórios de fontes digitais/digitalizadas na prática da História. Focamos na consciência em relação às especificidades do uso desses repositórios e seus impactos na pesquisa e no ensino de História.

Tal questão de pesquisa surgiu a partir da nossa própria experiência enquanto docentes e discentes no ensino superior no estado da Bahia e da vivência forçada pela pandemia de práticas de ensino e pesquisa mediadas por métodos, ferramentas e dados digitais. Ao mesmo tempo, percebemos o crescimento no interesse e na oferta de cursos, formações e publicações relativos ao tema. Muitas vezes, tais iniciativas reforçavam uma aura de novidade e ineditismo, desconsiderando uma importante história do uso das tecnologias para as disciplinas das Ciências Humanas e Sociaisⁱ. Ao mesmo tempo, foi possível perceber como debates públicos sobre o tema muitas vezes oscilavam entre os polos da *tecnofilia* e da *tecnofobia*.

Diante desse cenário, buscamos compreender como os próprios docentes das IES do estado da Bahia utilizam e avaliam os repositórios de fontes digitais/digitalizadas e, mais importante, como refletem metodológica e epistemologicamente sobre tal usoⁱⁱ.

Desenvolvemos uma metodologia baseada na aplicação de questionários *on-line* e análise do banco de dados das respostas. A análise foi realizada a partir da metodologia proposta por John Coburn em pesquisa publicada em 2020, onde o autor busca compreender a “consciência da seletividade digital na prática da investigação histórica” a partir da participação de membros da Universidade Newcastleⁱⁱⁱ.

Inicialmente, neste artigo, construímos uma breve revisão da literatura sobre humanidades digitais e história digital; em seguida, caracterizamos a metodologia utilizada - delineando tanto o desenho da pesquisa, quanto suas limitações. Posteriormente, apresentamos as principais descobertas a partir da análise dos dados e por fim apontamos algumas projeções de caminhos possíveis para enfrentar impasses e limitações percebidas na análise.

Revisão da literatura

O surgimento das Humanidades Digitais, embora recente e popularizado no século XXI, tem raízes na longa história do uso de computadores em pesquisas humanísticas, destacando-se o projeto *Index Thomisticus* nos anos 1950^{iv}. Na área da História, podemos retornar aos anos 1960 com o desenvolvimento da Cliometria, e nos anos 1980 com o surgimento de publicações específicas sobre o uso de computadores e criação de programas para a pesquisa em História. A década de 1990 testemunhou um aumento na digitalização de livros e fontes e o uso da internet, transformando as metodologias de pesquisa histórica^v.

O século XXI viu o fortalecimento das Humanidades Digitais com a *web 2.0* e as redes sociais, consolidando um campo interdisciplinar. Este campo, contudo, enfrenta desafios significativos, como as desigualdades globais e a predominância anglófona, destacadas por Fiormonte^{vi}. A necessidade de uma

abordagem multilíngue e a contribuição do Sul Global são essenciais para combater o colonialismo digital e enriquecer as Humanidades Digitais^{vii}.

Nesse contexto, entendemos a História Digital como uma área que reúne dois aspectos fundamentais para o trabalho da História em geral. Por um lado, representa uma “comunidade de práticas”, na perspectiva utilizada por Daniel Alves para caracterizar as Humanidades Digitais como um todo: a necessidade de utilizar, desenvolver, testar e compreender métodos e ferramentas digitais têm agrupado pesquisadores de diferentes correntes em laboratórios, centros, oficinas, treinamentos, etc. Movimento que vem acontecendo no Brasil em diversas regiões do país^{viii}.

Por outro lado, ela nos demanda a aplicação do que Fickers e Clavert definem como “Hermenêutica Digital”. Segundo os autores, a hermenêutica digital exige uma combinação de competências digitais críticas com uma abordagem autorreflexiva. Isso implica entender a produção do conhecimento histórico através de ferramentas digitais como um processo complexo de interação humano-máquina e co-construção do objeto de investigação. Assim, fazer história digital vai além do uso de tecnologias; requer uma postura crítica e reflexiva, interligando técnica, método, teoria e epistemologia da história^{ix}.

Avançando nessa perspectiva de uma história digital capaz de combinar a prática com reflexões epistemológicas profundas, Anita Lucchesi propõe o conceito de Hermenêutica da Prática:

uma teoria das práticas que nos permite refletir criticamente sobre os desafios teóricos e artesanais do nosso trabalho digital e conceber soluções práticas para enfrentá-los.^x

Utilizamos aqui esse conceito para nos aproximar dos dados da pesquisa realizada junto a docentes dos cursos de História das IES do estado da Bahia. A hermenêutica da prática exorta o pesquisador e a pesquisadora a escrutinar

constantemente os acervos consultados, ferramentas utilizadas, os métodos aplicados e a relação entre eles e a produção do conhecimento histórico. Mais do que isso, nas palavras da autora, também permite especular “sobre possíveis compromissos entre o que seriam as soluções ideais e as alternativas mais realistas e práticas para elaborar um plano de ação”.^{xi}

O uso ingênuo ou pouco crítico de acervos e ferramentas digitais impacta diretamente na construção do conhecimento científico. Hitchcock ressalta o risco de descontextualização na pesquisa histórica por algoritmos^{xii}, enquanto Putnam critica a caixa-preta metodológica das práticas de pesquisa, já que historiadores não enfrentam com seriedade esse aspecto^{xiii}. Brasil e Nascimento enfatizam a importância de detalhar métodos e ferramentas digitais na pesquisa para uma interpretação contextualizada e permitir a avaliação e escrutínio dos resultados apresentados^{xiv}. A literatura aponta para a necessidade de transparência metodológica e consciência crítica sobre os aspectos técnicos e políticos dos acervos digitais, mas carece de dados empíricos e muitas vezes generaliza as críticas aos historiadores^{xv}. Como afirma Coburn, uma “atenção ao uso de fontes digitais é prudente, porém existe uma falta de evidência que demonstre essa alastrada complacência dos historiadores”.^{xvi}

No estudo “*Defending the digital: Awareness of digital selectivity in historical research practice*” de Coburn, foram entrevistados docentes e bibliotecários da Universidade de Newcastle para entender a consciência sobre a “seletividade digital” em acervos online. O método incluiu entrevistas semi-estruturadas com oito participantes em 2019, revelando uma ampla consciência da seletividade digital. Coburn identificou a continuidade de práticas tradicionais no uso de fontes digitais e variações nas abordagens com base nos estágios de carreira dos acadêmicos, com os mais experientes preferindo métodos para acervos físicos e os mais novos valorizando buscas digitais por palavras-chave^{xvii}.

O artigo apresenta uma série de “recomendações” após a apresentação e análise dos dados que merecem menção. Coburn conclui que é importante ampliar o diálogo entre os pesquisadores, mas também com os profissionais das bibliotecas e acervos e entre departamentos, disciplinas e instituições; maior contato e diálogo com companhias que fornecem acesso a conteúdo digital; expandir a compreensão da seletividade digital; desenvolver mais pesquisas quantitativas com dados para compreender como os historiadores utilizam coleções digitais^{xviii}.

Tais reflexões e recomendações serviram de base para desenvolvermos as questões centrais deste artigo. Para o nosso caso, buscamos compreender não apenas como acadêmicos utilizavam acervos online, mas também mapear anseios e demandas para o presente e o futuro da disciplina.

Metodologia

A pesquisa foi estruturada em torno do uso de ferramentas digitais, às quais faremos uma breve avaliação neste tópico. Sempre que possível utilizamos ferramentas de código aberto, buscando maior alinhamento com princípios da ciência aberta. Quando não foi possível, justificaremos nossa decisão.

Na primeira etapa da pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico e uma revisão da literatura de forma coletiva, com foco em discussões relacionadas às práticas de uso de repositórios digitais online e o campo da História Digital. Essa revisão foi facilitada pelo uso do *Zotero*, um gerenciador de referências de código aberto e gratuito^{xix}.

Buscando elaborar uma estratégia de coleta de dados e participação do maior número de docentes possível, em meio à pandemia de COVID-19, selecionamos o *Google Forms* como plataforma para aplicação do questionário. Apesar dessa ferramenta não ser de código aberto, avaliamos que ela

representava a opção mais eficiente para o momento da pesquisa. O *Google Forms*, com suas funcionalidades básicas, é de acesso gratuito, e de fácil uso^{xx}; não demanda a instalação de programas adicionais localmente, e pode ser acessado remotamente, independente de sistemas operacionais, dispositivos e mesmo navegadores. Outro fator que potencializa o uso dessa ferramenta é a utilização dos serviços do *Google* pela universidade à qual a pesquisa estava vinculada. O *e-mail* institucional, assim como as opções de armazenamento de nossa instituição eram providos pelo *Google* naquele momento^{xxi}.

O projeto adotou o *GitHub* como plataforma central para o gerenciamento das diversas etapas da pesquisa, desde a construção de um cronograma de atividades ao controle de inserções e alterações de arquivos. Tal decisão foi fundamentada em vários aspectos técnicos e estratégicos, que se alinham com os objetivos de transparência, colaboração e eficiência na gestão da pesquisa. O *GitHub* é uma plataforma de hospedagem de código-fonte e arquivos com controle de versões, baseado no sistema de controle de versões *Git*^{xxii}. Todos os dados da pesquisa estão disponíveis para consulta no repositório “historia-digital-PIBIC” no link <https://github.com/Curso-de-Historia-Unilab-Males/historia-digital-PIBIC>.

Elaboração do questionário

O questionário semi-estruturado foi cuidadosamente projetado para garantir uma coleta de dados abrangente e detalhada, e reuniu questões de múltipla escolha, escala linear, respostas curtas e respostas em parágrafo. O mesmo foi inserido na plataforma *Google Forms* com uma introdução e um termo de consentimento. A primeira seção, intitulada “Mapeando os Repositórios”, contém duas questões destinadas a identificar os repositórios mais utilizados pelos docentes. A segunda seção, “Repositório como Metodologia, Fonte e Prática

Historiográfica”, compõe-se de onze questões que visam entender o uso dos repositórios pelos docentes e seu impacto na prática historiográfica. Esta seção está focada na compreensão dos mecanismos de pesquisa e na reflexão teórica sobre o uso dos repositórios. A terceira seção, “Os Resultados”, inclui quatro questões para avaliar se os resultados obtidos com o uso dos repositórios satisfazem as necessidades de pesquisa dos docentes e se há compreensão dos mecanismos de retorno desses resultados. A quarta seção, “Formação para Pesquisa em Repositórios Digitais”, consiste em três questões que investigam a existência de uma formação acadêmica específica para a utilização dos repositórios como prática de pesquisa. Finalmente, a quinta seção, “Comentários”, é um espaço aberto para sugestões de tópicos relacionados aos repositórios que não foram abordados no questionário, bem como outras observações relevantes sobre a pesquisa.

Levantamento dos contatos dos docentes e aplicação do questionário

Após a finalização e revisão do questionário, realizamos o levantamento dos cursos de graduação em História ofertados nos diferentes campi das IES no estado da Bahia. A partir dessa lista de 16 cursos, buscamos os contatos institucionais das coordenações em vigor de cada um deles e enviamos mensagem padronizada solicitando a colaboração na pesquisa. Informamos o caráter da pesquisa, seus objetivos, nossos contatos e o *link* para o formulário, além do pedido de compartilhamento da mensagem com os demais docentes membros do curso.

A lista completa das universidades públicas da Bahia com Cursos de Graduação em História contactadas por *e-mail* das coordenações é a seguinte:

- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira;
- Universidade Federal da Bahia;

- Universidade do Estado da Bahia / SALVADOR; CAETITÉ; ALAGOINHAS; CONCEIÇÃO DO COITÉ; JACOBINA; TEIXEIRA DE FREITAS; ITABERABA; EUNÁPOLIS;
- Universidade Estadual de Feira de Santana;
- Universidade Estadual de Santa Cruz;
- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia;
- Universidade Federal do Oeste da Bahia;
- Universidade Federal do Sul da Bahia;
- Universidade Federal do Recôncavo Baiano;

Essa primeira estratégia se mostrar limitada e foi necessário a revisão na forma de contato. Isso se justificou pela ausência de respostas das coordenações. Optamos por enviar diretamente o *link* do questionário aos docentes. Inicialmente, buscamos endereços de *e-mail* nos *sites* das instituições, mas muitos não os disponibilizavam publicamente. Então, recorremos à plataforma *Lattes* para identificar os *e-mails* através dos últimos artigos publicados pelos docentes. Essa estratégia demandou um tempo maior para execução e reduzimos a busca para docentes de oito cursos de História. Essa abordagem resultou em 112 mensagens enviadas diretamente aos docentes, com 104 envios completados, além de 16 às coordenações. Após o prazo de um mês (estendido por mais um mês) para respostas, salvamos os dados em formatos *csv* e *xlsx* no repositório do *GitHub* e no drive associado ao e-mail da pesquisa.

Limitações do estudo

O escopo da pesquisa e o cenário em que ela foi desenvolvida impuseram algumas limitações que merecem ser explicitadas. O número de docentes e coordenações atingidos pelos e-mails foi limitado pelo recorte geográfico, mas também pela dificuldade de acessar e-mails institucionais disponíveis publicamente. Além disso, tivemos dificuldade em avaliar quantos docentes

receberam de fato o convite para participar da pesquisa, visto que as coordenações de curso não retornaram informações sobre o compartilhamento junto aos membros de cada curso. Desta forma, não foi possível calcular com precisão a taxa de participação.

Ademais, o questionário desenvolvido teve como foco as percepções dos participantes e não a catalogação de informações pessoais e profissionais dos mesmos. Por conseguinte, nossa avaliação ficou limitada, pois não pudemos avaliar as respostas a partir de recortes de gênero, raça, formação, faixa etária, estágio da carreira.

Contudo, acreditamos que as respostas permitiram reflexões sobre as práticas atuais e algumas demandas futuras, a partir da experiência dos participantes, contribuindo para a compreensão dos desafios que a formação e atuação dos docentes de História na Bahia enfrentam atualmente.

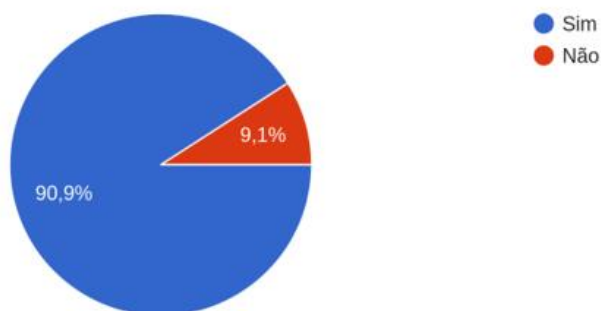
Resultados e discussão

Obtivemos a resposta de 22 docentes (tratados no artigo como “participantes”). A versão final dos dados disponíveis no repositório no *GitHub* foi anonimizada, buscando preservar a identidade dos participantes.

A primeira questão buscava aferir quais dentre os participantes utilizavam repositórios de fontes digitais/digitalizadas em suas pesquisas. Os resultados mostraram que 20 dos 22 participantes responderam de forma afirmativa, o que corresponde a 90,9% (Figura 1). Esse número elevado, apesar de esperado, pois geralmente os participantes que aceitam colaborar com este tipo de pesquisa possuem alguma afinidade com o tema, nos indica como a utilização destes repositórios têm ganhado espaço no cotidiano da pesquisa histórica.

Figura 1: Gráfico dos resultados para a questão 1.

1. Você usa algum repositório online como fonte de pesquisa? (Por exemplo a Hemeroteca Digital Brasileira, JusBrasil, ou repositórios de fontes do... Nacional ou demais arquivos públicos ou privados)
22 respostas



Fonte: BRASIL, Eric, VALVERDE, Priscila, VELOSO, Ana Carolina. A partir dos dados da pesquisa.

Este uso generalizado reforça ainda mais a necessidade de refletirmos esta utilização, os impactos produzidos na prática da pesquisa em história e como estão sendo avaliados e escrutinados pelos pesquisadores e pesquisadoras.

Um dado importante, e que nos ajuda a pensar sobre o impacto da pandemia nessas práticas, é o tempo de uso desses repositórios apontado pelos participantes. Percebemos o aumento de publicações e debates sobre o crescimento na utilização de recursos digitais por historiadores e historiadoras durante os anos de pandemia de COVID-19. Tais avaliações apontavam para a urgência de produzirmos reflexões sobre essa virada digital na prática da história no Brasil^{xxiii}. Entretanto, nossos dados indicam que os participantes utilizam tais repositórios, em sua ampla maioria, há mais de cinco anos (65%), e 25% utilizam até 5 anos. Apenas 10% dos participantes responderam que começaram a utilizar no último ano (entre 2021 e 2022) (Figura 2).

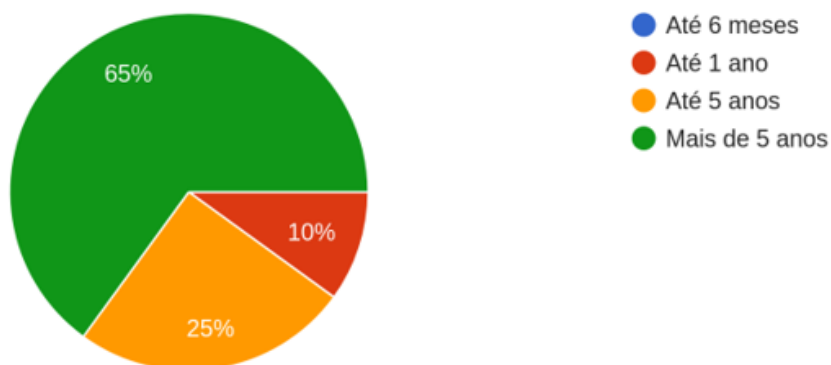
Tais dados corroboram problematizações levantadas por trabalhos anteriores à pandemia que já apontavam a ausência de cuidados metodológicos

e teóricos por parte de historiadores e historiadoras frente à difusão e mesmo hegemonia de repositórios digitais de fontes^{xxiv}.

Figura 2: Gráfico referente à questão 1.3

1. 3. Por quanto tempo você tem utilizado esse repositório?

20 respostas



Fonte: BRASIL, Eric, VALVERDE, Priscila, VELOSO, Ana Carolina. A partir dos dados da pesquisa.

Ao longo de toda a pesquisa buscamos não limitar os repositórios a tipos específicos de acervos. Nosso objetivo era deixar a definição ampla, permitindo englobar acervos de fontes primárias, como a Hemeroteca Digital Brasileira, a Biblioteca Nacional Digital, o *FamilySearch*, e acervos de fontes secundárias, como repositórios de livros, artigos e teses e dissertações, tais como os repositórios institucionais das universidades públicas e a plataforma Periódicos Capes, ou ainda repositórios amplos que abrigam acervos variados, como as bibliotecas digitais do Senado e da Câmara e o Portal Domínio Público.

Ainda na seção 1, pedimos para que os participantes indicassem os repositórios utilizados (Questão 1.1), sendo possível marcar mais de uma opção, e acrescentar outras. Percebemos que as opções mais selecionadas são repositórios mantidos por instituições públicas e projetos digitais de grande investimento público. Em primeiro lugar aparecem os “Repositórios Institucionais

de Universidades públicas (teses, dissertações e monografias)”, selecionados por 75% dos participantes. Com 70% das respostas temos o portal “Periódicos Capes”. Na sequência, com 65%, o portal Domínio Público, a BNDigital e a Hemeroteca Digital Brasileira. Demais arquivos públicos (como Arquivo Nacional, APERJ, APEB) aparecem na sequência com 55%.

Aqui é importante destacar que todas as opções que computaram mais de 50% das respostas são vinculadas às instituições de ensino superior, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (tanto o portal Periódicos Capes quanto o Domínio Público) e às instituições públicas de custódia de acervos de interesse público, sejam estaduais ou federais.

O projeto BNDigital se destaca como o principal projeto especificamente voltado para digitalização e disponibilização de fontes primárias em nossa lista. Dentro dele está abrigada a Hemeroteca Digital Brasileira (HDB), que, desde 2012, vem digitalizando e disponibilizando milhões de páginas de periódicos históricos através de sua página na web. A BNDigital e a HDB são o exemplo mais explícito do impacto de políticas de investimento e financiamento público na difusão do conhecimento e no fomento de pesquisa sobre acervos públicos. E isso está bem representado também nos nossos dados.

Também é relevante destacar que algumas iniciativas privadas de digitalização de fontes primárias aparecem na lista, como JusBrasil e o *FamilySearch*, assim como o grande repositório colaborativo e sem fins lucrativos *Internet Archives*. O que indica uma variedade grande de interesses e pesquisas, mas ainda, sem que se aproximem da relevância das instituições públicas para nossos participantes.

Na Questão 1.2, solicitamos que cada participante nomeasse o principal repositório utilizado por ele/ela nos últimos anos, partindo da lista da pergunta anterior. Os “Repositórios Institucionais de Universidades Públicas (teses,

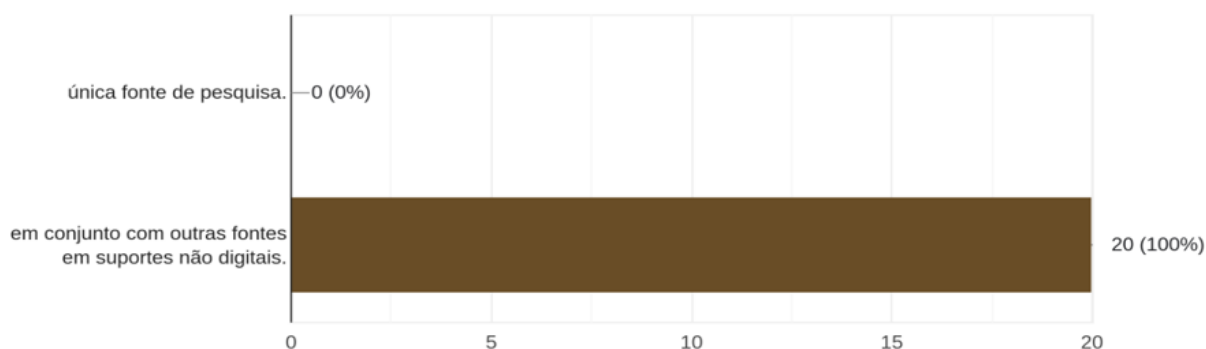
dissertações, monografias)” teve a maioria das respostas (cinco). Seguido pela Biblioteca Nacional Digital e o portal Periódicos CAPES, ambas com três respostas cada, reforçando nossa interpretação da centralidade e importância dos repositórios criados e mantidos pelas instituições públicas.

O repositório enquanto metodologia, fonte e prática historiográfica.

Os participantes informaram sempre utilizar os repositórios em conjunto com fontes em suportes não digitais (Questão 2). Esse dado (Figura 3) aponta para a necessidade de uma reflexão híbrida em relação aos aspectos metodológicos da pesquisa, como aponta Zaagsma. Para o autor, “o verdadeiro desafio é ser conscientemente híbrido e integrar abordagens ‘tradicionais’ e ‘digitais’ em uma nova prática de fazer história”^{xxv}.

Figura 3: Gráfico referente à questão 2

2. Você usa o repositório como:
20 respostas



Fonte: BRASIL, Eric, VALVERDE, Priscila, VELOSO, Ana Carolina. A partir dos dados da pesquisa.

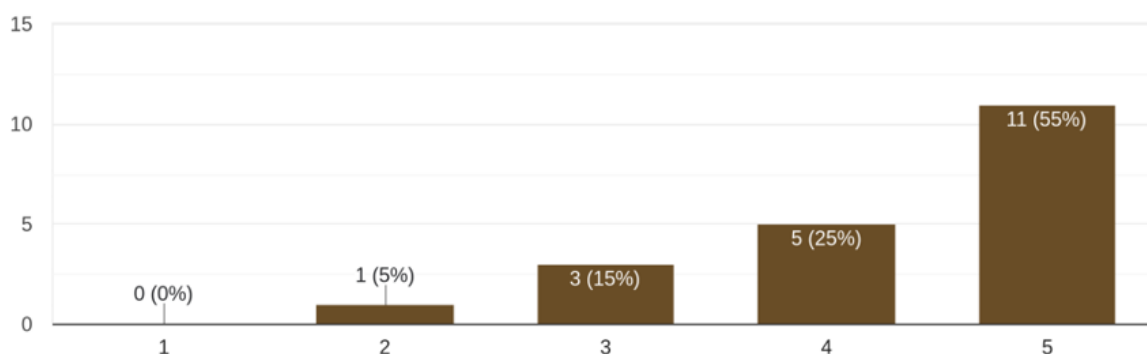
A necessidade de uma reflexão teórico-metodológica consciente e robusta fica ainda mais evidente com os dados da Questão 3: “Numa visão mais ampla, você entende que o uso do repositório mudou a sua prática de pesquisa?” 80% dos participantes responderam 4 ou 5 (mudou bastante), indicando que há

uma alta consciência do impacto dessa forma de acessar fontes na prática da história (Figura 4).

Figura 4: Gráfico referente à questão 3

3. Numa visão mais ampla, você entende que o uso do repositório mudou a sua prática de pesquisa?

20 respostas



Fonte: BRASIL, Eric, VALVERDE, Priscila, VELOSO, Ana Carolina. A partir dos dados da pesquisa.

Solicitamos uma justificativa a essa pergunta, e doze das vinte respostas (60%) destacaram a **importância do acesso remoto às fontes para a pesquisa**, ressaltando a redução de custos, a superação da barreira da distância física e o destaque para a velocidade de acesso. Esses elementos são comuns na argumentação em defesa do uso de repositórios digitais e refletem também o fato de muitos dos participantes serem docentes de IES com *campi* no interior do estado da Bahia e indicam a dificuldade para captação de financiamentos para pesquisa nos últimos anos.

O **acesso democrático e gratuito**, assim como a possibilidade de **acessar trabalhos recentes** também foi destacado. Alguns pesquisadores apontaram a **qualidade das fontes acessadas e dos metadados disponibilizados**, permitindo novas descobertas, o cotejamento entre fontes variadas e a **ampliação da quantidade** de dados coletados e pesquisados.

Entretanto, apenas um participante apontou a demanda de “**repensar a metodologia**” gerada por essas novas práticas de pesquisa. Outro apontou o potencial da “**web para pesquisa e ensino**”. Por fim, dois participantes informaram que o uso desses repositórios **não representa alteração na pesquisa, pois eles sempre os utilizaram em sua prática da história.**

O uso dos repositórios, combinados com fontes em meios não digitais, e a percepção de mudança na metodologia indicam um princípio de consciência crítica por parte dos participantes. Entretanto, as justificativas utilizadas estão centradas em aspectos pragmáticos, como acesso remoto, redução de custos, velocidade de acesso, e volume de dados disponíveis. Nenhuma das respostas aponta para transformações metodológicas mais complexas, como as relações entre as estruturas técnicas das interfaces de busca, as políticas em relação aos acervos disponibilizados, os recursos disponíveis para os pesquisadores e como afetam a pesquisa e a produção do conhecimento; também não são levantados questionamentos e reflexões sobre os mecanismos de busca – sobretudo em relação aos processos de *OCR*, indexação e metadados disponíveis, e se essas próprias buscas são realizadas em textos simples resultantes de processos de *OCR*^{xxvi} ou em metadados –, sendo esse um elemento central para a análise heurística na História.^{xxvii}

Impactos teóricos na pesquisa

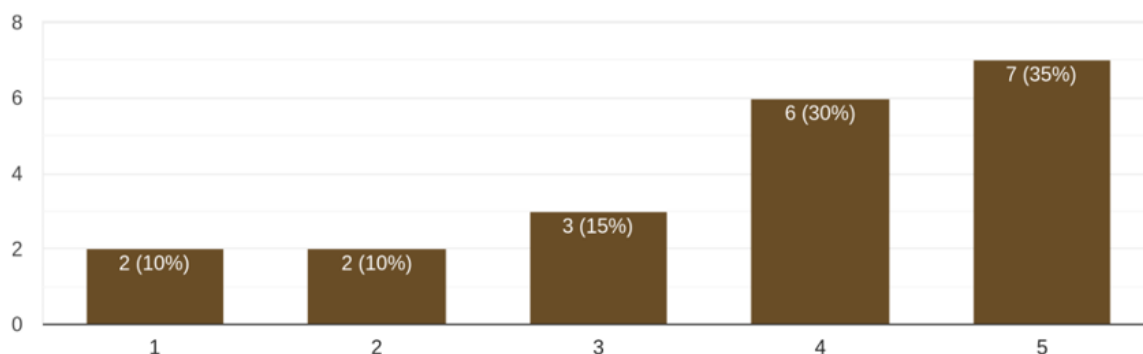
Além dos impactos metodológicos, os participantes também afirmam ter ciência do impacto em aspectos teóricos da pesquisa: 65% das respostas na escala 4 ou 5 (Questão 5). Não pretendemos aqui separar método de teoria, pois são aspectos profundamente conectados e interdependentes. Entretanto, buscamos perceber até que ponto os participantes tinham consciência dessa

relação estreita e como o uso desses repositórios poderiam afetar as elaborações teóricas da pesquisa histórica (Figura 5).

Figura 5: Gráfico referente à questão 5

5. Você entende que o uso de repositórios online de fontes pode modificar o aspectos teóricos da pesquisa em história?

20 respostas



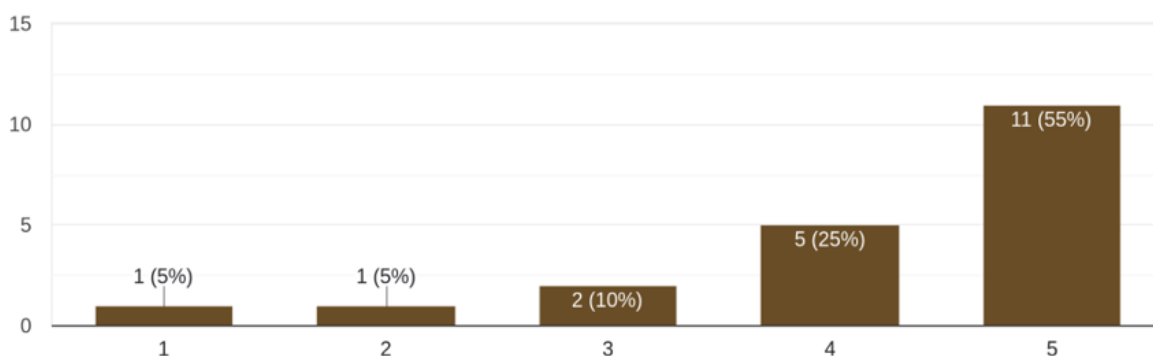
Fonte: BRASIL, Eric, VALVERDE, Priscila, VELOSO, Ana Carolina. A partir dos dados da pesquisa.

Por conseguinte, não nos causa espanto que 80% dos participantes afirmem que esses usos possibilitam o desenvolvimento de novas abordagens analíticas (Figura 6). Em outras palavras, fomentam avanços epistemológicos na disciplina História.

Figura 6: Gráfico referente à questão 6

6. Você acha que o uso dos repositórios online pode possibilitar o desenvolvimento de novas abordagens analíticas sobre temas já consolidado...ntas, novos problemas sobre temas já explorados?

20 respostas



Fonte: BRASIL, Eric, VALVERDE, Priscila, VELOSO, Ana Carolina. A partir dos dados da pesquisa.

Em resumo, os participantes utilizam de forma generalizada repositórios *online* de fontes digitais/digitalizadas (90%), mas sempre ao lado de fontes em suportes não digitais (100%) – o que indica a necessidade de reflexões sobre o caráter híbrido da pesquisa histórica na era digital. Entendem, também, que a prática da pesquisa foi alterada (80%), destacando o acesso remoto como principal diferencial; e que, conseqüentemente, aspectos teóricos são transformados (80%). Por fim, coerentemente, os participantes percebem que tais mudanças permitem o avanço epistemológico da pesquisa (80%).

Reflexões sobre metodologias digitais na pesquisa

É importante nos perguntarmos agora como tais transformações estão sendo processadas pelos próprios participantes no seu cotidiano da pesquisa. Para isso, iniciamos uma nova sequência de questões. Primeiro perguntamos se “em algum momento da sua pesquisa houve discussão sobre metodologias digitais para o fazer historiográfico” (Questão 7). As respostas foram divididas, com 45% respondendo que não e 55% que sim. Em seguida, 65% dos participantes responderam que realizam uma avaliação crítica dos repositórios e/ou suas interfaces gráficas e 35% responderam que não (Questão 8).

Uma ampla maioria, 80%, afirma aplicar procedimentos metodológicos específicos para esses repositórios (Questão 9). Entretanto, a resposta da questão 7, sobre a realização de reflexão acerca de metodologias digitais, nos mostra que apenas 55% dos participantes responderam de forma afirmativa. Essa distância nos indica que esses procedimentos metodológicos muitas vezes são desenvolvidos de forma intuitiva e pouco sistematizada. Esse argumento é reforçado pelas respostas da Questão 10: perguntamos se os participantes mantêm “algum procedimento sistematizado de registro metodológico das

buscas e resultados encontrados” e as respostas foram 55% positivas e 45% negativas.

Podemos inferir que os métodos aplicados, como indicado na questão 9, não necessariamente contemplam procedimentos metodológicos rigorosos para buscas e coleta de resultados (questão 10). Os dados das questões 7 a 10 levantam algumas incoerências ou limitações na compreensão por parte dos participantes sobre o desenvolvimento específico de métodos para lidar com esses repositórios online.

Buscando compreender mais detalhadamente esses procedimentos metodológicos, solicitamos aos participantes que os resumissem (Questão 10.1). O uso de palavras-chave para busca é o método mais citado nas respostas (5 vezes). Três participantes disseram realizar uma catalogação quantitativa, levando em conta alguns metadados e termos de busca, seguido de uma segunda etapa de análise qualitativa desses dados. Dois participantes mencionaram a criação de banco de dados e planilhas – um deles, nomeadamente citando o uso do programa proprietário *Excel*. Um participante disse realizar uma crítica prévia do repositório. Outras respostas informaram que utilizam prints e anotações em editores de texto.

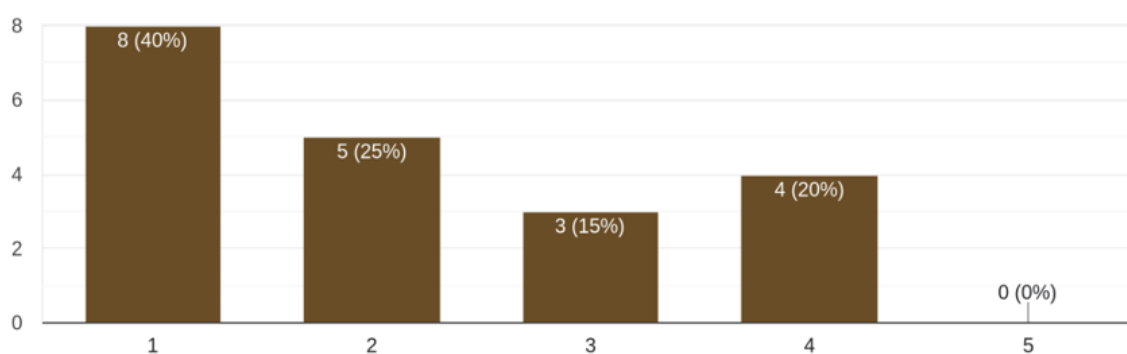
No geral, podemos perceber que os métodos são pouco estruturados e criados individualmente, a partir da experiência, necessidades e habilidade técnica de cada pesquisador, algo já indicado pelas discrepâncias nas respostas das questões 7 e 9. Não recebemos respostas que indicassem a utilização de ferramentas específicas para gerenciar e registrar as pesquisas – como o *Zotero* ou *Tropy* – ou referências à práticas estruturadas de anotação e documentação – como os princípios *FAIR*, o *Open Science Framework*, ou o desenvolvimento de planos de gestão de dados.

Tradicionalmente, o acesso às fontes em acervos físicos se dá através da visita ao local, consulta dos instrumentos de busca, e geralmente esse processo é mediado por técnicos profissionais das instituições. Com a alteração para a pesquisa em repositórios digitais, a relação do pesquisador com os técnicos dos arquivos, bibliotecas, etc, muda de caráter e muitas vezes deixa de acontecer. Perguntamos aos participantes se eles possuem acesso a suporte de setores técnicos das instituições mantenedoras dos repositórios digitais. As respostas confirmam esse distanciamento: 40% das respostas se concentraram na opção 1 (não possui acesso), 25% na resposta 2, 15% na 3 e 20% na resposta 4. O número 5 (possui acesso) não recebeu nenhuma resposta (Figura 7).

Figura 7: Gráfico referente à questão 11

11. Ao lidar com esses repositórios, você possui acesso a suporte de setores técnicos dos arquivos e bibliotecas?

20 respostas



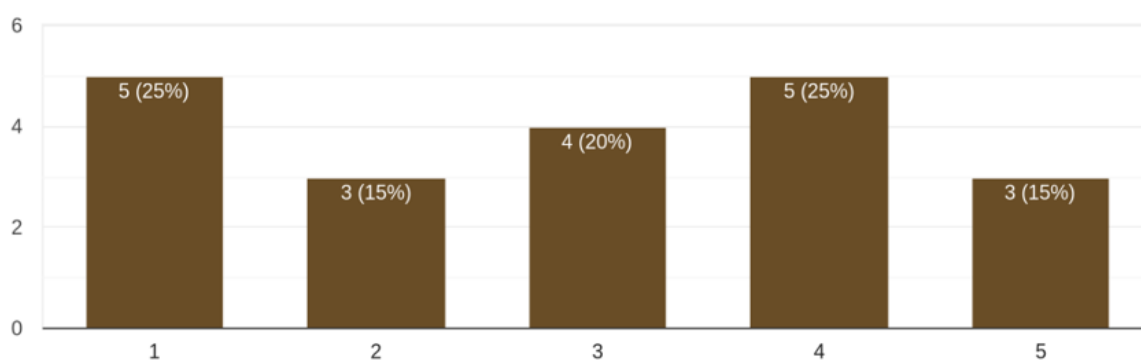
Fonte: BRASIL, Eric, VALVERDE, Priscila, VELOSO, Ana Carolina. A partir dos dados da pesquisa.

Outra questão importante, já ressaltada pela historiografia, é a dificuldade e, em alguns casos, a impossibilidade de avaliarmos, enquanto usuários, o escopo dos acervos disponibilizados^{xxviii}. Questionados sobre esse ponto, os participantes responderam de forma equilibrada (Figura 8). 40 % das respostas foram 1 e 2, ou 4

e 5 e 20% para 3. Esse equilíbrio indica a dificuldade encontrada pelos participantes em avaliar os acervos disponibilizados.

Figura 8: Gráfico referente à questão 12

12. Ao utilizar esses repositórios, você consegue mensurar e compreender todo o escopo dos seus acervos? Ou seja, através da interface gráfica e do...aliar o todo dos dados disponíveis para o usuário?
20 respostas



Fonte: BRASIL, Eric, VALVERDE, Priscila, VELOSO, Ana Carolina. A partir dos dados da pesquisa.

Tal dificuldade em compreender o escopo do acervo em que as buscas são realizadas, reforça um perigo constante para a pesquisa através de busca de palavras: uma visão fragmentada e sobremaneira engendrada pelas estruturas técnicas dos repositórios e suas interfaces gráficas^{xxix}. Isso é agravado pela distância ou ausência completa de contato entre pesquisador e o corpo técnico que mantém esses acervos.

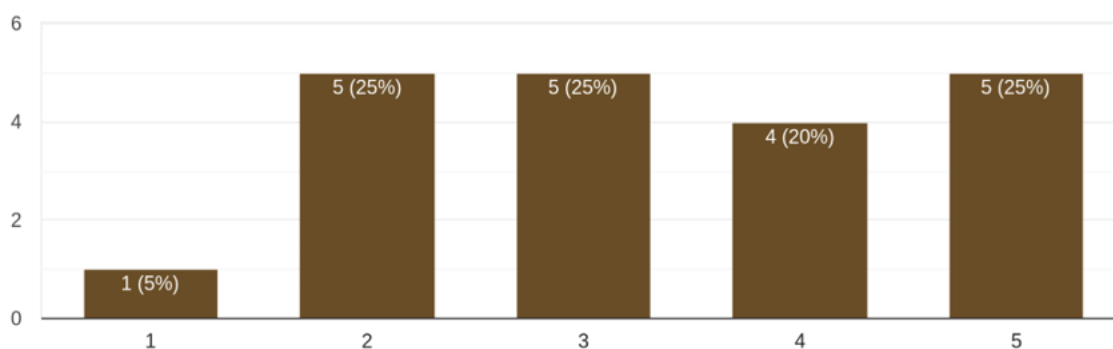
Sobre os Resultados obtidos nas buscas

Apesar dessa dificuldade de avaliar e compreender o escopo dos acervos pesquisados, os participantes se dizem satisfeitos com os resultados das suas buscas (35% 3, e 50% 4 e 5) (Questão 13). E amplamente confiantes com seu uso, com 96,4% das respostas nas opções em 4 e 5 e nenhuma resposta nas opções 1 e 2 (Questão 17).

Entretanto, quando perguntados sobre a possibilidade de identificar se os resultados são gerados por busca em metadados, palavras-chaves criadas por setores técnicos, ou busca textual na própria fonte, recebemos respostas mais equilibradas: 1 com 5%, 2 com 25%, 3 com 25%, 4 com 20% e 5 com 25% (Figura 9).

Figura 9: Gráfico referente à questão 14

14. Os parâmetros utilizados pelo mecanismo de busca são evidenciados para o usuário? Ou seja, é possível identificar se os resultados são gerados por...s técnicos, ou busca textual na própria fonte, etc?
20 respostas



Fonte: BRASIL, Eric, VALVERDE, Priscila, VELOSO, Ana Carolina. A partir dos dados da pesquisa.

Na Questão 15, perguntamos se os participantes avaliam que os resultados obtidos nas buscas “representam um retrato fidedigno do acervo pesquisa?” 50% das respostas concentraram-se nas opções 4 (40%) e 5 (10%) e 30% nas opções 1 (10%) e 2 (20%), indicando uma percepção positiva dos resultados em relação ao todo do acervo. Em seguida, perguntamos se encontram “algum tipo de erro frequente que atrapalha seu uso”. Uma minoria das respostas (10% para 1 e 5% para 2) disse haver erros, e a maioria das respostas se concentrou nas opções 3 e 4 (30% cada) e 5 (25%).

Estas duas últimas respostas indicam que, apesar do pouco (ou nulo) acesso a suporte técnico, dificuldade de avaliar o escopo do acervo e limitações em compreender os mecanismos de busca, como indicado nas questões 11, 12 e 14,

os participantes avaliam que os resultados representam bem o acervo e poucos erros atrapalham seu uso.

Esse bloco de questões sobre buscas e resultados, com respostas mais equilibradas e distribuídas na escala de 1 a 5, indica uma dificuldade geral dos participantes de avaliar os resultados das buscas de forma mais precisa. Isso pode ser compreendido como uma combinação entre restrições e limitações dos repositórios – que não provém acesso a informações da própria história desses projetos e suporte técnico especializado – e das limitações técnicas dos usuários, o que não impede uma visão positiva e otimista por parte dos participantes.

Formação para pesquisa em repositórios digitais

As últimas perguntas do questionário pretendiam avaliar tanto a percepção dos participantes sobre o atual cenário dos cursos de história, quanto às expectativas dos mesmos para o futuro. Para isso, perguntamos se “a atual formação universitária em História atende os desafios do uso de repositórios online de fontes digitais”. As respostas concentraram-se nas opções 4 e 5 (não atendem), com 59,1%, e apenas 22,7% nas opções 1 e 2 (atendem). Na sequência, perguntamos sobre a existência de “alguma disciplina que trabalhe conceitos, métodos e ferramentas digitais para o fazer historiográfico” no curso dos participantes. A maioria, 59,1%, respondeu negativamente, 31,8% positivamente, enquanto 9,1% não souberam responder. Ou seja, existe uma percepção majoritária entre os participantes de que os cursos de História carecem de componentes e debates específicos para a formação discente quanto ao uso desses recursos digitais.

Ao mesmo tempo, 95,5% dos participantes afirmam que gostariam de “ter formação em ferramentas digitais que possam potencializar o seu trabalho de investigação” (Questão 20), e que gostariam de aplicar esses conhecimentos no Ensino de História, Acesso a Base de dados e Ferramentas ligadas à construção de

acervos e exposições (76,2%), Instrumentos de análise de dados (71,4%), Meio de comunicação e disseminação de pesquisas e Instrumentos de obtenção e gestão de dados (52,4%), Programação (23,8%) e Produção de multimídias capazes de viabilizar o ensino de história (4,8%) (ver Questão 20.1).

Os participantes indicaram maior interesse em métodos de Análise textual (66,7%) e qualitativa (57,1%), gestão de base de dados (47,6%), Análise de séries temporais e Edição digital (38,1%), Análise de redes (19%) e Sistema de informações geográficas (14,3%) (ver Questão 20.2).

Estes dados apontam uma demanda por formação por parte dos docentes das IES da Bahia e um interesse amplo e variado em ferramentas e métodos digitais, com destaque para aqueles que permitem análise textual e qualitativa. Essa demanda por formações futuras está atrelada à própria percepção de uma lacuna nos cursos de História atualmente. Ou seja, docentes almejam maior capacitação para suas pesquisas, mas também para formar novos pesquisadores e professores de História.

Considerações finais: Pensando o presente e o futuro da disciplina

Os resultados apresentados até aqui nos possibilitam refletir sobre a atual conjuntura da disciplina e as expectativas futuras de seus profissionais. De maneira geral, existe uma consciência por parte dos docentes de que o uso desses repositórios de fontes digitais/digitalizadas modifica a relação com o objeto estudado, as possibilidades de pesquisa e permite avanços na construção de novas abordagens epistemológicas. Ou seja, os docentes dos cursos de História das IES da Bahia que participaram da pesquisa possuem consciência das “interferências digitais” causadas pelos repositórios de fontes digitais/digitalizadas. Segundo Anita Lucchesi, essas interferências digitais são

“uma série de implicações ontológicas trazidas pelas novidades digitais que criam interferências nos métodos e na interpretação da história”^{xxx}.

Entretanto, quando instados a listar suas práticas, apresentaram reflexões metodológicas bastante superficiais, apenas arranhando a superfície de questões sobre a nova materialidade destas fontes e as mediações produzidas pelas tecnologias que estruturam estes repositórios. Isso nos permite inferir a ausência de metodologias sistematizadas, partindo de princípios claros e transparentes, distantes dos debates mais recentes da história digital.

Porém, os participantes explicitaram o desejo generalizado de formação especializada em métodos e ferramentas digitais, demonstrando interesse em qualificar os usos que fazem desses repositórios e ampliar conhecimento técnico para a formação das novas gerações de historiadores e historiadoras.

Por conseguinte, avaliamos que é necessária uma reflexão coletiva nos espaços acadêmicos, tanto nas associações e congressos da área quanto no interior de cada curso, buscando uma honesta abertura aos debates recentes sobre tecnologias digitais e produção do conhecimento científico em geral. A incorporação destes debates deve buscar ampliar a formação docente e discente em aspectos técnicos, mas também – e sobretudo – teóricos desta inter-relação entre as práticas de história e as tecnologias digitais. Assim, teremos maior condição de manter e aprofundar a relevância dos profissionais da área em um mundo cada vez mais abundante em dados e registros das experiências humanas ao longo do tempo.

Notas

ⁱ CRYMBLE, Adam, *Technology and the Historian: Transformations in the Digital Age*, Urbana: University of Illinois Press, 2021.

ⁱⁱ Este problema de pesquisa foi a base do projeto “História Digital: acervos e ferramentas digitais para pesquisa e ensino”, contemplado no PROPPG 04/2021 - PIBIC UNILAB do

Programa de Iniciação Científica e desenvolvido no âmbito do curso de Licenciatura em História, vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, entre 2021 e 2022. Agradecemos ao PIBIC, pelo suporte com uma bolsa, aos docentes que participaram da pesquisa e ao LABHDUFBA pelo apoio e suporte teórico, metodológico e técnico.

ⁱⁱⁱ Tradução nossa: “awareness of digital selectivity in historical research practice”. COBURN, Jon, *Defending the digital: Awareness of digital selectivity in historical research practice*, *Journal of Librarianship and Information Science*, p. 1–13, 2020.

^{iv} ROCKWELL, Geoffrey; PASSAROTTI, Marco, *The Index Thomisticus as a Big Data Project*, *Umanistica Digitale*, p. No 5 (2019), 2019.

^v ROMEIN, C. Annemieke et al, *State of the Field: Digital History*, *History*, v. 105, n. 365, p. 291–312, 2020.

^{vi} FIORMONTE, Domenico, *Digital Humanities and the Geopolitics of Knowledge*, *Digital Studies/Le champ numérique*, v. 7, n. 1, p. 5, 2017.

^{vii} FAUSTINO, Deivison et al, *Colonialismo Digital: por uma Crítica Hacker-fanoniana*, 1ª edição. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2023; FIORMONTE, Domenico, *Towards monocultural (digital) Humanities?*, *Infolet*, disponível em: <<https://infolet.it/2015/07/12/monocultural-humanities/>>. acesso em: 15 mar. 2022.

^{viii} ALVES, Daniel, *As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português*, *Ler História*, n. 69, p. 91–103, 2016.

^{ix} FICKERS, Andreas; CLAVERT, Frédéric, *On pyramids, prisms, and scalable reading*, *Journal of Digital history*, n. jd001, 2021.

^x Tradução nossa. LUCCHESI, Anita, *For a New Hermeneutics of Practice in Digital Public History: Thinkering with memorecord.uni.lu*, University of Luxembourg, Luxembourg, 2020, cap. 3.

^{xi} Tradução nossa *Ibid.*

^{xii} HITCHCOCK, Tim, *Confronting the Digital: Or How Academic History Writing Lost the Plot*, *Cultural and Social History*, v. 10, n. 1, p. 9–23, 2013.

^{xiii} PUTNAM, Lara, *The Transnational and the Text-Searchable: Digitized Sources and the Shadows They Cast*, *The American Historical Review*, v. 121, n. 2, p. 377–402, 2016.

^{xiv} BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes, *História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica.*, *Revista Estudos Históricos*, v. 33, n. 69, p. 196–219, 2020.

^{xv} BRASIL, Eric, *pyHDB - Ferramenta Heurística para a Hemeroteca Digital Brasileira: utilizando técnicas de web scraping para a pesquisa em História*, *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 15, n. 40, 2022; GIBBS, Fred; OWENS, Trevor, *The Hermeneutics of Data and Historical Writing*, in: *Writing History in the Digital Age*, Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2013, p. 159–170; JENSEN, Helle Strandgaard, *Digital Archival Literacy for (all) Historians*, *Media History*, v. 27, n. 2, p. 251–265, 2021.

^{xvi} Tradução nossa. COBURN, *Defending the digital*, p. 1.

^{xvii} COBURN, *Defending the digital*.

^{xviii} Ibid., p. 9–10.

^{xix} YAMAKAWA, Eduardo Kazumi et al, Comparativo dos softwares de gerenciamento de referências bibliográficas: Mendeley, EndNote e Zotero, *Transinformação*, v. 26, n. 2, p. 167–176, 2014; SILVA, Eduardo Graziosi; ANDRETTA, Pedro Ivo Silveira; RAMOS, Renan Carvalho, Novas práticas na gestão de informação bibliográfica: estudo sobre a capacidade de gestores de referências no cotidiano dos estudantes, pesquisadores e bibliotecários, *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 16, n. 2, p. 419–445, 2011.

^{xx} MOTA, Janine da Silva, Utilização do google forms na pesquisa acadêmica, *Humanidades & Inovação*, v. 6, n. 12, p. 371–373, 2019.

^{xxi} Para uma crítica sobre essa dependência das IES em relação às empresas BigTech ver FIORMONTE, Domenico, Perché l'università delle piattaforme è la fine dell'università, *Infolet*, disponível em: <<https://infolet.it/2020/11/10/perche-luniversita-delle-piattaforme-e-la-fine-delluniversita/>>. acesso em: 23 nov. 2023.

^{xxii} A formação no uso do Git e do GitHub foi realizada em parceria com os membros da pesquisa e o LABHDUFBA. Para mais informações sobre o Git ver BRASIL, Eric, Git como ferramenta metodológica em projetos de História (parte 1), *Programming Historian em português* 3, 2023, <https://doi.org/10.46430/phpt0045>.

^{xxiii} LUCCHESI, Anita; SILVEIRA, Pedro Telles da; NICODEMO, Thiago Lima, Nunca fomos tão úteis, *Esboços: histórias em contextos globais*, v. 27, n. 45, p. 161–169, 2020.

^{xxiv} BRASIL; NASCIMENTO, História digital; FORTES, Alexandre; ALVIM, Leandro Guimarães Marques, Evidências, códigos e classificações: o ofício do historiador e o mundo digital, *Esboços: histórias em contextos globais*, v. 27, n. 45, p. 207–227, 2020; SILVEIRA, Pedro Telles da, História, técnica e novas mídias: reflexões sobre a história na era digital, *Doutorado, UFRGS, Porto Alegre*, 2018; NOIRET, Serge, História Pública Digital | Digital Public History, *Liinc em Revista*, v. 11, n. 1, 2015.

^{xxv} Tradução nossa: “the real challenge is to be consciously hybrid and to integrate ‘traditional’ and ‘digital’ approaches in a new practice of doing history”. ZAAGSMA, G., *On Digital History, Bijdragen en Mededelingen Betreffende de Geschiedenis der Nederlanden*, v. 128, n. 4, p. 3–29, 2013, p. 47.

^{xxvi} Optical Character Recognition, ou reconhecimento ótico de caracteres em português.

^{xxvii} BRASIL, pyHDB – Ferramenta Heurística para a Hemeroteca Digital Brasileira; BRESCIANO LACAVA, Juan Andrés, La heurística digital y el estudio histórico de los procesos de globalización, *Historia Crítica* No.40, n. 43, p. 104–127, 2011.

^{xxviii} BRASIL, pyHDB – Ferramenta Heurística para a Hemeroteca Digital Brasileira; HITCHCOCK, *Confronting the Digital*; PUTNAM, *The Transnational and the Text-Searchable*; JENSEN, *Digital Archival Literacy for (all) Historians*.

^{xxix} UNDERWOOD, Ted, *Theorizing Research Practices We Forgot to Theorize Twenty Years Ago, Representations*, v. 127, n. 1, p. 64–72, 2014; BRASIL, pyHDB – Ferramenta Heurística para a Hemeroteca Digital Brasileira; EHRMANN, Maud, *Historical Newspaper User Interfaces: A Review*, *IFLA WLIC* 2019, 2019.

^{xxx} LUCCHESI, *For a New Hermeneutics of Practice in Digital Public History: Thinkering with memorecord.uni.lu*. Essas interferências tornam-se cada vez mais pungentes com a

popularização dos Grandes Modelos de Linguagem (LLMs) e dos modelos de inteligência artificial generativa. Debates urgentes, mas que escaparam do escopo desse artigo.

Referências

ALVES, Daniel. As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português. **Ler História**, n. 69, p. 91–103, 2016.

BRASIL, Eric. Git como ferramenta metodológica em projetos de História (parte 1). **Programming Historian em português** 3, 2023, <https://doi.org/10.46430/phpt0045>.

BRASIL, Eric. pyHDB – Ferramenta Heurística para a Hemeroteca Digital Brasileira: utilizando técnicas de web scraping para a pesquisa em História. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 15, n. 40, 2022.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Revista Estudos Históricos**, v. 33, n. 69, p. 196–219, 2020.

BRESCIANO LACAVA, Juan Andrés. La heurística digital y el estudio histórico de los procesos de globalización. **Historia Crítica No.40**, n. 43, p. 104–127, 2011.

COBURN, Jon. Defending the digital: Awareness of digital selectivity in historical research practice. **Journal of Librarianship and Information Science**, p. 1–13, 2020.

CRYMBLE, Adam. **Technology and the Historian: Transformations in the Digital Age**. Urbana: University of Illinois Press, 2021. (Topics in the Digital Humanities).

EHRMANN, Maud. **Historical Newspaper User Interfaces: A Review**. *IFLA WLIC 2019*, 2019.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter; AMADEU, Sergio; *et al.* **Colonialismo Digital: por uma Crítica Hacker-fanoniana**. 1ª edição. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2023.

FICKERS, Andreas; CLAVERT, Frédéric. On pyramids, prisms, and scalable reading. **Journal of Digital history**, n. jdH001, 2021.

FIORMONTE, Domenico. Digital Humanities and the Geopolitics of Knowledge. **Digital Studies/Le champ numérique**, v. 7, n. 1, p. 5, 2017.

FIORMONTE, Domenico. **Perché l'università delle piattaforme è la fine dell'università.** Infolet. Disponível em: <<https://infolet.it/2020/11/10/perche-luniversita-delle-piattaforme-e-la-fine-delluniversita/>>. Acesso em: 23 nov. 2023.

FIORMONTE, Domenico. **Towards monocultural (digital) Humanities?** Infolet. Disponível em: <<https://infolet.it/2015/07/12/monocultural-humanities/>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FORTES, Alexandre; ALVIM, Leandro Guimarães Marques. Evidências, códigos e classificações: o ofício do historiador e o mundo digital. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 27, n. 45, p. 207–227, 2020.

GIBBS, Fred; OWENS, Trevor. The Hermeneutics of Data and Historical Writing. In: **Writing History in the Digital Age.** Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2013, p. 159–170.

HITCHCOCK, Tim. Confronting the Digital: Or How Academic History Writing Lost the Plot. **Cultural and Social History**, v. 10, n. 1, p. 9–23, 2013.

JENSEN, Helle Strandgaard. Digital Archival Literacy for (all) Historians. **Media History**, v. 27, n. 2, p. 251–265, 2021.

LUCCHESI, Anita. **For a New Hermeneutics of Practice in Digital Public History: Thinking with memorecord.uni.lu.** University of Luxembourg, Luxembourg, 2020.

LUCCHESI, Anita; SILVEIRA, Pedro Telles da; NICODEMO, Thiago Lima. Nunca fomos tão úteis. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 27, n. 45, p. 161–169, 2020.

MOTA, Janine. Utilização do google forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 12, p. 371–373, 2019.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Liinc em Revista**, v. 11, n. 1, 2015.

PUTNAM, Lara. The Transnational and the Text-Searchable: Digitized Sources and the Shadows They Cast. **The American Historical Review**, v. 121, n. 2, p. 377–402, 2016.

ROCKWELL, Geoffrey; PASSAROTTI, Marco. The Index Thomisticus as a Big Data Project. **Umanistica Digitale**, p. No 5 (2019), 2019.

ROMEIN, C. Annemieke; KEMMAN, Max; BIRKHOLZ, Julie M.; et al. State of the Field: Digital History. **History**, v. 105, n. 365, p. 291–312, 2020.

SILVA, Eduardo Graziosi; ANDRETTA, Pedro Ivo Silveira; RAMOS, Renan Carvalho. Novas práticas na gestão de informação bibliográfica: estudo sobre a capacidade de gestores de referências no cotidiano dos estudantes, pesquisadores e bibliotecários. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 16, n. 2, p. 419–445, 2011.

SILVEIRA, Pedro Telles da. **História, técnica e novas mídias**: reflexões sobre a história na era digital. Doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2018.

UNDERWOOD, Ted. Theorizing Research Practices We Forgot to Theorize Twenty Years Ago. **Representations**, v. 127, n. 1, p. 64–72, 2014.

YAMAKAWA, Eduardo Kazumi; KUBOTA, Flávio Issao; BEUREN, Fernanda Hansch; *et al.* Comparativo dos softwares de gerenciamento de referências bibliográficas: Mendeley, EndNote e Zotero. **Transinformação**, v. 26, n. 2, p. 167–176, 2014.

ZAAGSMA, G. On Digital History. **Bijdragen en Mededelingen Betreffende de Geschiedenis der Nederlanden**, v. 128, n. 4, p. 3–29, 2013.

Recebido: 15/01/2024
Aprovado: 20/03/2024
Publicado: 17/09/2024